



SOCIABILIDADE E NOVOS DIÁLOGOS: AS PRODUÇÕES DO GRAFITE URBANO NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA

Renata Carvalho da Silva. UEFS

RESUMO: Este trabalho busca estabelecer uma reflexão da cena cultural de Feira de Santana através do Grafite. Este, por sua vez, se configura junto à cidade enquanto um meio e objeto de (re)apropriação dos espaços públicos e de (re)significação das culturas juvenis. Sendo assim, o grafite se torna um veículo de congregação das comunidades urbanas, criando novos espaços de socialização. Esse diálogo surge por meio das intervenções artísticas que unem, num mesmo espaço, grafiteiros e as comunidades periféricas. Na metodologia foram empregadas formas alternativas de coleta e observação, usando as redes sociais e sites especializados como fonte de informação e identificação dos grafiteiros. Como o trabalho se encontra em fase de construção, os dados coletados podem sofrer interferência de outras informações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-chave: Grafite, Cidade, Socialização, Hip Hop

ABSTRACT: This work aims to reflect the cultural scene of Feira de Santana through the graphite. This, in turn, is set by the city as a means and object of (re) appropriation of public spaces and (re) signification of youth culture. Thus, the graphite becomes a vehicle congregation of urban communities, creating new spaces of socialization. This dialogue comes through artistic interventions that unite in the same space, graffiti and peripheral communities. Methodology were employed alternative ways of collecting and observation, using social networks and specialized websites as a source of information and identification of graffiti. As the work is in the construction phase, the data collected may suffer from interference from other information throughout the development of the research.

Keywords: Graphite, City, Socialization, Hip Hop

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa sobre as produções de grafite na cidade de Feira de Santana. O grafite é entendido como elemento de integração e socialização entre os jovens. Feira de Santana foi escolhida como lócus da pesquisa, pois se encontram apresentados no cenário cultural da cidade, produções e organizações coletivas em emergência. Ao longo da pesquisa foi identificado um grupo de grafiteiros chamado *Nós de Feira*. Este vem desenvolvendo ações nos espaços públicos, voltadas para a difusão da cultura alternativa.

Em uma sociedade cada vez mais urbanizada, as esquinas e as ruas se tornam lugares privilegiados de socialização e vivência de muitos jovens, que fazem

destes espaços não só um lugar de encontros e conversas entre amigos, mas também um local de mobilizações e ações políticas e culturais. Para Dayrell (2002) esses espaços possibilitam a produção de diferentes expressões culturais, como a música, a dança, o teatro, artes visuais entre outras, que se tornam visíveis, através do corpo, das roupas, das paredes grafitadas e de comportamentos próprios que demonstram diferentes formas de se expressar e de se colocar diante do mundo.

ARTE URBANA E GRAFITE

A partir de meados do século XX as cidades brasileiras mudaram. Como a maior parte da população passou a viver nos grandes centros, a cultura urbana sofreu transformações. Com o surgimento da chamada contracultura houve a emergência de novas concepções artísticas, colocando em cena culturas alternativas e “marginais”. Surgiram novas tribos, novas identidades e com isso, novos canais de expressão e comunicação.

A partir de então as expressividades ligadas à juventude urbana passaram a se apoiar em noções como a rebeldia, a irreverência e a transgressão. Uma faixa da juventude dos grandes centros tornou-se motores de desestabilização da ordem instituída.

Por meio das forças de mobilização e contestação social, jovens de todos os cantos do ocidente tomaram ruas em passeatas e contestaram o sistema de valores e comportamento vigentes, modificando concepções conservadoras de sociedade e transformando o cenário cultural.

Com frases demarcadamente poético-ideológicas, as escritas urbanas feitas com spray nos muros das cidades européias no decorrer da década de 60 eram ousadamente contestadoras e posicionavam-se contra o sistema político vigente através de frases lúdicas, sutis e plenas de criatividade libertária. (FURTADO, p. 17, 2007)

O grafite urbano foi utilizado, nesse contexto, como instrumento de comunicação nas reivindicações e enfrentamento ao sistema conservador, frases foram riscadas nas paredes e monumentos das praças de Paris como forma de protesto. Na onda de manifestações sociais e reconhecimento das novas identidades culturais (*hippies, punks, hoppers*) surge no final da década de 1970 o

movimento Hip Hop, que utilizou os grafismos urbanos como elemento de difusão da cultura e comunicação visual do movimento.

A cultura Hip Hop é classificada atualmente como uma mistura de cinco elementos culturais, estes são: o *rap* (música), *break* (dança), grafite (arte visual) e DJ (disquei joquei). Tais elementos foram gradativamente compondo um campo alternativo de produção e consumo culturais. As pichações nos muros, que serviam para demarcar territórios, alçaram condição de arte visual, ganhando os muros da cidade, sob a forma do grafite. (MAGNANI, 2007).

A prática do grafite passou a ocupar um lugar de destaque para a produção de novos artistas e agregar um público alternativo. As aspirações artísticas presentes no grafite trouxeram produções ligadas ao protesto e a denuncia social. Outras linguagens e temáticas foram incorporadas a arte no grafite urbano, colocando-o em um novo circuito cultural. É possível encontrar grafites em famosas galerias de artes ou museus.

Os artistas nacionais, também, passaram a integrar a indústria cultural mais ampla. O cenário cultural atual é composto por um número significativo de grafiteiros reconhecidos. Estes participam de grandes projetos culturais, em eventos nacionais e internacionais.

A utilização de outros materiais na produção do graffiti, como sprays, pincéis, tintas e giz, configura, nas sociedades atuais, novas formatações estéticas, objetivos políticos e aspirações culturais. (FURTADO, p. 17, 2007)

Os irmãos Otávio e Gustavo, popularmente conhecidos como “Os Gêmeos”, são exemplos de grafiteiros brasileiros que tiveram seus trabalhos reconhecidos no circuito artístico contemporâneo.

O grafite tem sido aceito como manifestação artística no Brasil desde a década de 1980; instituições artísticas têm feito exposições com grafite e atualmente temos galerias especializadas no assunto. Isso e mais a aceitação que grafiteiros como a dupla “Os gêmeos” têm encontrado no mercado internacional legitimam definitivamente o grafite como arte, pelo menos dentro da teoria institucional. (TAVARES, Andréa, p. 23, 2010)

Na nova configuração estética e ideológica do grafite, o cunho político é predominante para a construção desse tipo arte. Entretanto, outras formas de

subjetivações estão sendo desenvolvidas pelos artistas ao expressarem as suas inquietações e os seus diálogos com a cidade. Isso é condicionado pelas mudanças de paradigmas sociais, culturais e políticos do mundo contemporâneo, dessa forma, novos olhares são construídos para novas experiências estéticas.

O grafite aponta um caminho para a construção de atitudes, em que o jovem evidencia uma performance inserida num campo da experiência urbana. Os estilos de grafite urbano demarcam o perfil artístico do grafiteiro, seu grupo, sua ideologia artística e suas experiências construídas na relação com a cidade. Os estilos de grafite denotam um modelo de pintura entendida tanto como instrumento de comunicação e expressão quanto como veículo de contestação e denúncia social.

Os modelos estéticos de grafites mais encontrados são as tags *que são* graffiti de letras e assinaturas, a bomb *é uma pintura simples e rápida, feita em local proibido*, piece, *um estilo mais trabalhado, com a utilização de muitas cores*, 3D, utiliza da técnica de percepção em três dimensões, WildStyle, são letras distorcidas cujos códigos, esse estilo de linguagem não permitem a identificação do grupo e o realístico que se aproxima da fotografia. (FURTADO, p. 19, 2007)

Dentre as manifestações artísticas urbanas, o grafite se torna um objeto de expressão política e comunicação através da arte, inscrevendo no corpo da cidade as representações construídas da relação artista-vivências. A arte apresentada pelo grafite é pública e gratuita, se legitima sob uma nova ordem artística, esta compreendida a partir da lógica da intervenção e transgressão cultural.

Pichadores e grafiteiros, ao ocuparem os espaços sacralizados pela cultura, estão transgredindo as convenções e colocando em crise os aparatos da cultura. Ambas, como linguagens de transgressão, são movimentos de contracultura e têm seu processo centrado no ritual de risco, pois colocam as expectativas da cultura que pré-determina, num contexto como da cidade, como e quando o seu espaço e tempo pode ser utilizado. (RAMOS, p. 44, 1994)

Na análise de Ramos (1994) as intervenções são pensadas como uma ação sobre um determinado objeto ou espaço a fim de lhe atribuir um novo significado. Os grafiteiros, portanto, se (re)apropriam dos espaços públicos dando-lhe novos sentidos visuais. Ao grafitarem um viaduto, uma rua ou uma escola, acrescentam nas paredes significados mais amplos do que realmente o objeto expressa, é atribuído o valor artístico e a parede se torna um espaço de “falas” imagéticas.

A intervenção, então, é caracterizada pela “concessão” do proprietário do espaço ou do poder público. Nessa prerrogativa, o artista expõe o grafite sem subverter a ordem. No caso das transgressões, as ações artísticas se apresentam como manifestações não autorizadas, nessa lógica os grafiteiros produzem suas obras sob “os olhos” do poder vigilante, a ação de grafitar se torna propensa a punições severas. Os grafites são produzidos majoritariamente à noite e os grafiteiros muitas vezes utilizam mascaras para não serem identificados, essa ação é chamada pelos grafiteiros de “*Bomb*”.

Outro modo de pensar as produções visuais urbanas é por meio das pichações. Estas são encaradas, pela população leiga como transgressões e vandalismos. As pichações são pensadas fora do circuito cultural que envolve novos produtores e artistas, são vistas como o lado sujo do grafite. Para Tavares (2010, p.23) “Costuma haver uma diferenciação entre grafite e pichação, definida principalmente pelo tipo de figuração, no caso do primeiro, usando o recurso figurativo de personagens anônimos e no da segunda, uma tipografia feroz e ilegível para leigos”.

As diferenças entre grafite e pichação são colocadas quando analisadas as técnicas e as intenções que envolvem as produções visuais. É possível identificar uma disputa de posições políticas e estética entre as duas artes. A atuação do pichador na reapropriação territorial e a ilegalidade nas ações são fortes elementos que demarcam a identidade da pichação. Em contraposição, há uma legitimidade da arte do grafite, reconhecida pela população em geral. Mesmo que muitas vezes o grafite seja feito sem permissão do poder público ou do proprietário da parede, a visualidade proporcionada pelos desenhos grafitados é encarada como arte.

A vertente legal está mais próxima das realizações de índole artística, cuja principal ambição é o desenvolvimento e exposição das virtualidades técnicas dos autores e não a infracção. Geralmente o termo legal é usado no graffiti por oposição à actuação de natureza legal. Estas categorias correspondem a fórmulas com intenções, atitudes, práticas e objectivos completamente distintos. (CAMPOS, Ricardo, p. 151, 2009)

Há uma dualidade de posições ideológicas e estéticas entre o grafite e a pichação. Os produtores assumem identidades condizentes às suas práticas. No caso dos pichadores, os disfarces e os rostos cobertos são partes de um sistema

simbólico construído pelo pichador, assumindo uma atitude contestatória e de alto risco devido às práticas ilegais.

O grafite também converge com as pichações no discurso político e contestatório, porém utiliza de outros dispositivos de comunicação. As técnicas e figuras são menos agressivas e os grafiteiros se identificam como artistas de rua.

CENÁRIO CULTURAL DO GRAFITE EM FEIRA DE SANTANA

O grafite produzido na cidade de Feira de Santana está diretamente vinculado a cultura Hip Hop, participando muitas vezes de ações sociais produzidas pelos grupos organizados dessa cultura na cidade. A partir dessa congregação artística entre *hoppes*, *grafiteiros*, *skater* e dançarinos de *break*, foi possível perceber que os jovens da cidade de Feira de Santana se (re)apropriam dos espaços públicos de lazer e cultura, permitindo a difusão da arte de rua e tornando visível um outro meio de conscientização e cidadania.

Durante a pesquisa de campo, foi constatado que em Feira de Santana existe um grupo (crew) de grafiteiros que se organizam em projetos de intervenções artísticas. Os sujeitos analisado na pesquisa participam do grupo *Nós de Feira*.

Os grafiteiros encontrados na cidade apresentam práticas tanto ligadas às intervenções artísticas consentidas, quanto às transgressões. Na construção dos projetos e mutirões de grafiteagem, os participantes pedem autorizações, o que caracteriza, segundo Ramos (1994), uma intervenção artística. Essas ações são preparadas antecipadamente, por meio de projetos e são aplicadas com o aval da prefeitura ou do proprietário. Nessas práticas o grupo se apresenta em com um grande número de participantes, que observam os trabalhos artísticos sendo criados. Entretanto, em alguns casos os grafiteiros também fazem trabalhos sem autorização. Essa prática é entendida como uma transgressão.

No decorrer da coleta de dados foi possível constatar a presença determinante do movimento Hip Hop de Feira de Santana, atuando no fomento e difusão do grafite. Na análise da relação do movimento Hip Hop com as produções de grafite, foi identificada a associação H2F, que consiste num espaço onde jovens se articulam a fim de desenvolver trabalhos com a comunidade: prestar serviços

educativos às crianças da periferia e montar oficinas educativas. Essa associação se encontra em expansão.



FIGURA 1: Intervenção Cultural de Hip Hop no Feira X

Fonte: Imagem divulgada nas redes sociais, cedida pelo grupo H2F

O Hip Hop de Feira de Santana vem ganhando força nos últimos anos. Com apoio dos grupos organizados, entidades filantrópicas, religiosas e particulares. Os grafiteiros ou jovens participantes da cultura Hip Hop estão adquirindo visibilidade no cenário cultural da cidade.

A criação desse espaço de diálogo e socialização de experiências caracteriza um novo modo de participação assumido pelos jovens na sociedade civil. A inserção da juventude nos grupos artísticos alternativos em consonância com as organizações coletivas de fomento a cultura caracterizam um alto poder de articulação e engajamento através das artes.

GRAFITE E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

O desenvolvimento das novas formas de participação e engajamento social entre os jovens respondem a demandas subjetivas que só a arte pode responder. A

adesão ao grupo não se configura de maneira unidirecional, mas devido a fatores fluidos e interligados. Ou seja, ao mesmo tempo em que o jovem pode ser inserido no grupo por razões de amizade ou coleguismo, pode também militar no movimento por razões políticas, ou ainda para discutir questões sociais através das artes visuais.

Para Spósito (2000), o sujeito interage em vários grupos sem necessariamente ter uma adesão integral e total a apenas um. Sem requerer uma única maneira de pertencimento normatizada, os movimentos se articulam pelas várias formas de interesse, sejam dos grafiteiros, dos *rappers*, dos skatistas, dos negros, dos estudantes, etc.

Os novos meios de participação adquirem como particularidade ações políticas combativas e alternativas. O engajamento social é construído através de mecanismos de tomada de consciência coletiva, através das artes, da diversão ou de outros gêneros. Os jovens, portanto, desenvolvem uma forma de participação diversificada, tocando música, dançando, aplaudindo os artistas que se apresentam. Levando em conta esses diversos fatores, podemos considerar que eles estão construindo sua identidade enquanto grupo.

O grafite é um bom exemplo para observar as interações marcadas “pelo intenso grau de trocas sociais que propiciam a construção de identidades comuns, de sentimentos de pertencimento e de canais de expressividade”. (SPÓSITO, 2000). As experiências analisadas na cidade de Feira de Santana chamam a atenção para o grupo H2F, tal como o evento que ocorreu no bairro do Tomba no início de 2012. O encontro de grafiteiros coordenado pelo artista Kbça e por outros representantes da cultura Hip Hop na cidade mostram a forte articulação dos artistas na organização e divulgação do evento.

A associação H2F, tendo o intuito de sistematizar os projetos e intervenções de *Hip Hop* realizados na cidade, apoia na organização dos eventos ligados à cultura *Hip Hop*. Nessa perspectiva, proporciona também ao público feirense o contato com as culturas alternativas. Assim, os moradores dos bairros periféricos, onde acontece a maioria das intervenções, são contemplados com as produções artísticas que modifica a paisagem visual dos bairros.

O grupo *Nós de Feira* participa de ações sociais junto à associação H2F, foram observadas durante a pesquisa, algumas ações construídas a partir da articulação dos grupos de *rap*, *break* e grafite. As intervenções têm como objetivo dar visibilidade aos trabalhos dos grupos participantes e propor uma reflexão sobre noções de cidadania, por meio de oficinas de *break* e grafite e palestras com representantes das comunidades.

ATUAÇÃO DO “NÓS DE FEIRA”

O *Nós de Feira* é formado por seis grafiteiros que participam e desenvolvem intervenções coletivas na cidade. Muitas dessas intervenções são construídas com outros grupos culturais de cidades circunvizinhas: Alagoinhas, Serrinha, entre outras. Grande parte dos grafiteiros do *Nós de Feira* mora na zona periférica da cidade de Feira de Santana, em bairros como Campo Limpo, Feira VII e Feira IX. Por isso, é possível encontrar um grande número de grafites na periferia feirense.

Os participantes do grupo têm idade na faixa de 20 a 30 anos. Alguns ainda estão na escola secundária, outros já concluíram o ensino médio e outros fazem cursos técnicos. A maioria dos grafiteiros do *Nós de Feira* trabalha com outras atividades que não estão necessariamente relacionadas a arte, mas também fazem pequenos ofícios remunerados. Um grafiteiro do grupo declarou prestar serviço ao município no centro de recuperação de menores infratores, com aulas de grafite para adolescentes.

Dentre os grafites analisados, conforme as figuras que seguem, permitem constatar os diferentes estilos de pintura. Alguns são ligados ao movimento Hip Hop, com traços específicos. Outros usam um estilo livre, empregando imagens e figuras de um repertório que poderíamos encontrar em qualquer metrópole contemporânea.



FIGURA 2: Produções de dois grafiteiros da Nós de Feira

Fonte: Imagem divulgada nas redes sociais, cedida pelo integrante da pesquisa

A Fig. 2 identifica a produção de dois grafiteiros que têm estilos artísticos diferentes. Na composição do painel, percebe-se que do lado esquerdo há um desenho estilo *WildStyle*, uma produção característica com letras distorcidas e coloridas. Essa pintura representa o nome do grupo *Nós de Feira*. Já no lado direito é observado um grafite art que mistura o estilo realístico e técnicas de mangá.

Na Fig. 3, mostrada logo abaixo, verifica-se um estilo de grafite que se aproxima do *bomb*, com traços simples e rápidos. Essa técnica é feita normalmente em locais públicos sem autorização do proprietário nem do poder vigilante. Os artistas se (re)apropriam do espaço, transformando sua paisagem. Muitas vezes o grafite é feito em cima de outros desenhos já grafitados, nesse caso, o grafite se torna uma arte momentânea, estando a mercê de ser apagado ou reconstruído.



FIGURA 3: Produção de um grafiteiros da Nós de Feira

Fonte: Imagem divulgada nas redes sociais, cedida pelo integrante da pesquisa

Na análise do material empírico, que inclui cadernos de notas, percebe-se que os artistas produzem os desenhos em séries. Isso quer dizer que os temas, as cores, as formas, se repetem dentro de um período característico que o grafiteiro está compondo em um determinado modelo estético. Desta forma, é possível identificar nos grafite espalhados pela cidade, uma seqüência de traços que giram em torno de uma investigação do próprio artista.

Feira de Santana encontra-se em processo de transformação social e econômica. Sua população a coloca entre as trinta e cinco maiores cidades do Brasil. Há contrastes sociais que denotam condições de vida desigual. Desse ponto de vista, o grafite assume um renovado papel dentro da cultura feirense. A arte na rua através de muros grafitados nas praças, em escolas públicas e viadutos torna-se espaço de manifestação política. Ela coloca em cena a realidade urbana periférica estampada nas ruas do Feira VII, Baraúnas, Vietnã, e tantos outros locais “esquecidos” da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções de grafite nas regiões centrais de Feira de Santana são escassas, isso revela a dificuldade dos grafiteiros em pintar nas principais vias públicas da cidade. É possível observar que os muros e viadutos se encontram, na sua maioria, “limpos”, sem grafites nem pichações. Essa dificuldade de produção no centro aponta para duas hipóteses possíveis: uma é a severa vigilância do poder, que se concentra nos locais de mais acessados na cidade. A outra hipótese poderia ser o número reduzido de grafiteiros e pichadores.

Os grafiteiros sofrem uma intimidação e deixam de pintar as paredes centrais por medo de serem presos. Porém, foram observadas algumas pinturas no estilo *bomb*, vistas tanto nas paredes da “feirinha da Estação Nova” quanto em muros perto da João Durval. Essas pinturas mostram que há transgressões, mesmo sofrendo a ação vigilante do poder punitivo.

Entretanto, foi observado, ao longo da pesquisa um grande número de grafites nas áreas periféricas, como Feira VII, Rua Nova, Fraternidade, Baraúnas, entre outros. Estes locais não se consagram como espaços de “destaque” e de prestígio social, nem compõem o cartão postal da cidade. Mas, é nesses lugares que se percebe a concentração de culturas juvenis alternativas e onde vivem a maioria dos grupos ligados a cultura Hip Hop na cidade.

A periferia de Feira de Santana é um local interessante para a propagação do grafite, tal como os outros elementos do movimento *Hip Hop* (o *rap* e o *break*). Percebe-se uma receptividade dos moradores dos bairros citados com as produções dos grupos de grafite. Também é observada a participação da população local nas intervenções feitas pelos grupos.

Portanto, é possível identificar a relação estreita entre alguns movimentos culturais da periferia e o grafite na cidade de Feira de Santana. Desta forma, foi observado o papel construtivo do grafite enquanto prática socializadora e comunicativa. A pesquisa proporcionou um momento de compreensão das novas formas de participação da juventude e de socialização urbana através do grafite.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Ricardo (2009), “**Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti**”, Etnográfica, 13 (1), pp. 145-170.

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002

FURTADO, J. R. (2007). **Inventi(cidade): os processos de criação no graffiti**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor (Org.) ; MANTESE, Bruna (Org.) . **Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. v. 1. 280 p.

RAMOS, Maria Antonacci. **Graffiti, pichação & Cia** - São Paulo: AnnaBlume, 1994

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação**. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2000.

TAVARES, Andréa. **Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades**. ARS (São Paulo), 2010, vol.8, no.16, p.21-30.

Renata Carvalho da Silva

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade - PPGDCI, da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, sob a orientação do Professor Doutor Francisco Antônio Zorzo. Bolsista FAPESB desde Abril de 2013.